Globethics Repository



O Cristo solitário em busca de companhia [Christ alone in search of company]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Gonçalves, Alonso
Publisher	Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-26 09:38:28
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/234975

O Cristo solitário em busca de companhia: uma análise da imagem de Cristo no protestantismo a partir da cristologia de Jon Sobrino

The lonely Christ in the quest of company:
an analysis of the image of Christ in the Protestantism since Jon Sobrino's Christology

Por Alonso Gonçalves
Bacharel em Teologia
Licenciado em Filosofia
Professor Colaborador do Seminário Teológico Batista Grandes Lagos
pralgoncalves@yahoo.com.br

Resumo:
A proposta do artigo é fazer uma análise da figura de Cristo na cristologia protestante, procurando demonstrar a sua deficiência teológica quando comparada as discussões cristológicas na América Latina. Como o protestantismo latino-americano [brasileiro, especificamente] tem sua matriz teológica no protestantismo de missão, a cristologia protestante não acompanhou a discussão e o desenvolvimento das principais questões da cristologia latino-americana, tornando-se uma cristologia apática, no aspecto social, e transcendente, no aspecto teológico. O texto propõe, ainda, dialogar com a cristologia de Jon Sobrino em busca de pontos hermenêuticos para uma reformulação da cristologia protestante.

Palavras-chave:
Cristo. Teologia latino-americana. Protestantismo. Jon Sobrino

Abstract:
This paper analyzes the image of Christ in the Protestant Christology, in order to show its theological deficiency while compared to the Christological debates in Latin America. As Latin America Protestantism [Brazilian, especially] has its theological roots in the Protestant Mission, the Protestant Christology did not follow the debate and the development of the main questions of the Latin-American Christology, becoming an apathetic Christology in a social way, and a transcendent Christology in a theological way. This paper proposes to dialogue with Jon Sobrino's Christology, seeking for hermeneutical aspects for a reformulation of the Protestant Christology.

Keywords:
Christ. Latin-American Theology. Protestantism. Jon Sobrino.

Introdução

O protestantismo, desde o seu nascedouro, focou a figura de Jesus Cristo como "salvador pessoal". Com um discurso baseado nas situações-limite do ser humano, foi popularizado o "culto evangelístico" e os infinitos apelos a partir da imagem de um Cristo cardíaco, ou seja, uma mensagem convidando o "pecador" a deixar "Cristo entrar no seu coração". Essa imagem, propagada pelos missionários e popularizada nas igrejas, foi o fator preponderante para o crescimento do protestantismo no Brasil.

O protestantismo de missão forjou um Cristo transcendente, atuando apenas na esfera divina. A ideia de que ele é o advogado junto ao Deus Pai que intercede pelos "seus" é uma imagem muito comum nos cancioneiros das igrejas históricas. O principal ponto da cristologia protestante é o seu aspecto salvífico. Além disso, a teologia protestante reduziu a atuação de Jesus apenas ao indivíduo. A

cristologia protestante, como o protestantismo brasileiro digeriu, carrega dificuldades para comunicar a imagem de Cristo num contexto latino-americano. Para a igreja ser relevante na sociedade atual, a cristologia protestante necessita de novos horizontes hermenêuticos.

A partir de uma leitura sucinta da figura de Cristo no protestantismo com suas principais características, a proposta é fazer uma mediação com a cristologia latino-americana e com o teólogo salvadorenho Jon Sobrino e sua cristologia.

Cristologia protestante: o Cristo da cruz que reside no céu

A cristologia protestante tem diversas ramificações devido à natureza pluralista do protestantismo. Ocorre que a popularização de algumas imagens de Cristo está presente, principalmente, nos cancioneiros das igrejas. As observações de Klaus van der Grijp e Antonio Gouvêa Mendonça serão fundamentais para fazer uma leitura preliminar da imagem de Cristo no protestantismo.

Klaus van der Grijp: o Cristo evangelista[1]

A figura de Cristo no protestantismo é representada especialmente nos hinos congregacionais. Grijp faz uma análise das imagens de Jesus Cristo a partir dos cânticos das igrejas protestantes históricas ressaltando o aspecto evangelístico que se formou em torno da imagem de Jesus.

As imagens mais comuns, segundo Grijp, são a figura de um Salvador adocicado, terno e meigo. A sua história é contada como algo definido por Deus e nunca construído, ele tem um destino manifesto desde o início. Ele é alguém que bate à porta do coração, uma cristologia cardíaca que olha apenas as condições individuais do ser humano. A cruz é o ápice, pois sem ela não há sangue. Essa é outra imagem bem difundida, a imagem de um Cristo sacrificial[2] que só salva pelo sangue, chegando até mesmo a preterir a pessoa de Jesus Cristo pelo seu sangue. Ele é amigo e é alguém que irá voltar para buscar o "crente" e levá-lo para o "céu". O Cristo dos cancioneiros é aquele que chama o pecador, que insiste para que ele se arrependa e se volte para ele em amor e devoção. Um Cristo que procura entrar no coração do ser humano e ali provocar as mudanças necessárias, principalmente de ordem emocional.

A imagem de um Jesus evangelista é acentuada em diversas igrejas protestantes, tanto que o domingo à noite é "Culto Evangelístico", onde o "pecador/visitante" é inquirido a "aceitar Jesus como Salvador pessoal da sua vida". As igrejas que mantêm essa prática não realizam, por exemplo, a Ceia do Senhor no domingo à noite, apenas de manhã, por entender que o culto da noite é para o visitante/pecador; um tremendo equívoco.

Antonio Gouvêa Mendonça: o Cristo triunfalista

Mendonça analisa a figura de Cristo no protestantismo a partir do docetismo.[3] Segundo ele, a cristologia protestante se apegou demasiadamente a divindade de Jesus, transcendendo, dessa forma, todas as suas ações, quer em ensino, milagres como, principalmente, a sua morte e ressurreição, lendo tudo isso pela ótica divina. É o Cristo do céu, distante, que aguarda o momento de intervir com o milênio.[4]

Em outro texto,[5] Mendonça trabalha os cânticos que apresentam a figura de Cristo, ora como amigo, ora como guerreiro dentre outras

1 GRIJP, Klaus van der. Imagens de Jesus Cristo no protestantismo conservador. In: VV.AA. *Quem é Jesus Cristo no Brasil?* São Paulo: ASTE, 1974. p. 111-126.

2 Sobre o aspecto sacrificialista da cristologia protestante: GONÇALVES, Alonso. Só pelo sangue – prejuízos de uma cristologia sacrificialista. *Ciberteologia: Revista de Teologia & Cultura*, São Paulo: Paulinas, ano V, n. 26. Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br>. Acesso em: 10.11.2010.

3 Ensinamento segundo o qual Jesus era plenamente Deus, aparentando, apenas, ser humano.

4 MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Jesus e os últimos liberais: um estudo sobre John Mackay, Harry E. Fosdick e Miguel Rizzo Júnior. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais e ecumênicos; o campo religioso e seus personagens*. 2. ed. São Bernardo do Campo: UMESP, 2008. p. 105-125.

5 MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir; a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pendão Real/ASTE, 1995. p. 224.

imagens. O que chama atenção é a quantidade de hinos sobre o Jesus celeste, 104 ao todo. Para Mendonça, Cristo é transcendente, reside no céu, está à destra de Deus, intercedendo pelos "crentes". Essa imagem é o resultado da pregação missionária que chegou ao Brasil, onde "sua vida, sua morte e sua ressurreição já eram coisas consumadas".[6] Diante dessa teologia triunfalista, a imagem de um Jesus imanente não era possível, pois o Cristo do protestantismo de missão era imponente e poderoso, podendo, a qualquer momento, surgir nas nuvens para inaugurar o milênio. Outra imagem difundida na cristologia protestante é a do Cristo solitário da cruz:

> O homem só, carregado de culpa, contempla um Deus solitário e morto. Pelo arrependimento do homem solitário e pelo Cristo solitário e morto produz-se uma aliança também solitária cujo resultado será a vida futura no céu como prêmio por um compromisso de novo comportamento.[7]

A imagem de um Cristo triunfalista tem sua origem no fundamentalismo protestante que contestou as pesquisas em torno do Jesus histórico. Como resultado disso, surge uma ênfase, até certo ponto exagerada, na deidade de Cristo. Não negando a sua humanidade, acentua demasiadamente a sua divindade, abandonando qualquer reflexão em torno da humanidade de Jesus, daí o caráter transcendente de Cristo.[8]

Como observações sucintas, pode-se afirmar que a cristologia protestante é caracterizada: pelo individualismo – a pessoa é convidada a "aceitar a Cristo" o que significa, segundo Rubem Alves,[9] suprir apenas questões existenciais. Nunca são os ensinos de Cristo o foco, mas o indivíduo, importando apenas quem foi Jesus Cristo e não tanto o que ele ensinou. Está aí uma das razões da completa ausência da eclesiologia protestante em questões que envolvem a sociedade, porque o Cristo protestante se preocupa apenas com as questões individuais e o crente se preocupa apenas no que ele fez, e nunca no que ele ensinou. O Cristo protestante vive no crente e não na comunidade e atende apenas as suas necessidades, impedindo qualquer participação do cristão na transformação da sociedade porque, afinal, ele não vê essa preocupação em Cristo.[10] Outra característica da cristologia protestante é a ênfase na divindade de Cristo, menosprezando a sua humanidade. Isso dificulta uma leitura bíblica, principalmente dos evangelhos, porque não se faz uma leitura a partir do desenrolar das circunstâncias que envolveram a pessoa e os ensinos de Cristo, bem como seu fim na cruz como um conjunto de fatores. A preocupação com a cruz, digo com o sangue, como meio redentor, produziu uma hermenêutica sacrificialista reduzindo, desse modo, a vida de Jesus em apenas três etapas, o berço, a cruz e a pedra. O cristão protestante lê os evangelhos de trás para frente visando sempre a cruz.[11]

Diante dessas constatações, é imprescindível procurar eixos hermenêuticos que contribuam para uma cristologia protestante que tenha inserção no contexto latino-americano. Antes de pontuar alguns pressupostos em Jon Sobrino, como interlocutor desse debate, faz-se necessário fazer um apanhado das principais reflexões sobre Cristo na América Latina.

A cristologia latino-americana

A *Teologia da Libertação* impulsionou uma rica reflexão em torno de Cristo. Enquanto a teologia protestante sempre se contentou em beber no poço fundamentalista do Norte, reproduzindo os

6 MENDONÇA, Antonio Gouvêa. A Bíblia cativa, o Cristo no céu e a igreja ausente. *Estudos de religião*, São Bernardo do Campo: UMESP, ano IV, n. 6, abr. 1989. p. 168.

7 MENDONÇA, 1989, p. 171.

8 MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Vocação ao fundamentalismo: introdução ao espírito do protestantismo de missão no Brasil. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa & VELASQUES FILHO, *Prócoro. Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990. p. 140.

9 ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005. p. 84-85.

10 CAMPOS, Leonildo Silveira. Imagens de Jesus na religiosidade brasileira de origem protestante, pentecostal e neopentecostal. *Estudos de religião*, São Bernardo do Campo: UMESP, ano XV, n. 20, jun. 2001. p. 66-69.

11 Um dos livros mais vendidos no Brasil que centraliza a vida de Jesus na cruz foi o do teólogo anglicano John STOTT. *A cruz de Cristo*. São Paulo: Vida, 1991. Livro que influenciou a teologia da cruz em diversos seminários teológicos protestantes.

dogmas e o pragmatismo teológico estadunidense, traduzindo e importando *teologias sistemáticas*,[12] a *Teologia da Libertação* produziu uma cristologia que levou em consideração matrizes exegéticas (pesquisadores do Novo Testamento) e sociais (questões de justiça social). O resultado disso foi uma gama ainda crescente de autores/teólogos pensando a figura de Cristo no continente latino-americano.

O espaço não é propício, e nem mesmo é o propósito, para fazer uma análise do desenvolvimento da cristologia latino-americana. O objetivo é realçar os elementos mais fundamentais que compõem a matriz teológica da cristologia na América Latina, ressaltando alguns autores/teólogos que deram a sua contribuição para a reflexão cristológica e, em seguida, apontar alguns eixos hermenêuticos na cristologia de Jon Sobrino.

A cristologia da libertação: a gestação de uma reflexão

A América Latina viu borbulhar a reflexão sobre Jesus nas últimas décadas depois das reuniões do CELAM em Medellín (1968) e Puebla (1979).[13] A reflexão cristológica se deu com teólogos católicos, especificamente. Antonio Manzatto classifica de cristologia da libertação, aquela que vem sendo gestada a partir da *Teologia da Libertação*, com os textos que mais contribuíram para um pensamento aprofundado sobre Jesus Cristo no continente. Nesse sentido se destacam: *Jesus Cristo libertador*[14] de Leonardo Boff – um texto que se apropria da exegese contemporânea em torno do Jesus histórico e delineia uma reflexão comprometida com o contexto vivencial de Jesus fazendo uma ponte de libertação com a América Latina; outro autor/teólogo cristológico é Jon Sobrino com o seu texto *Cristologia a partir da América Latina*[15] onde o eixo de discussão se dá com o Jesus histórico, a noção de Reino de Deus e o seguimento; autores como Hugo Echegaray[16] e Benedito Ferraro[17] se ocuparam em traduzir a cristologia em libertação histórica, procurando no Jesus dos evangelhos a ponte de diálogo.

Para Manzatto, os elementos da cristologia da libertação se dão da seguinte maneira: o Jesus histórico – a chave hermenêutica é o Jesus histórico. Procura-se reconstruir os passos de Jesus para fundamentar o comprometimento com a sua missão. Neste sentido, então, o aspecto humano de Jesus é valorizado sendo o procedimento metodológico ascendente, ou seja, do humano ao divino e não o contrário, como na cristologia protestante. Outro ponto é a centralização do tema do Reino de Deus. A mensagem de Jesus, de acordo com a exegese contemporânea do Novo Testamento, foi o Reino de Deus, o principal projeto de Jesus foi o Reino, e o seu convite é para que seus discípulos continuem o seu projeto, o Reino de Deus.

A cristologia latino-americana se ocupa do Jesus terreno e suas ações como também a sua mensagem. O caminho que se percorre não é transcendente, mas imanente. Jesus é concebido como alguém histórico comprometido com o seu povo e, portanto, portador de uma mensagem, o Reino de Deus, que procura viabilizar com o chamamento dos seus discípulos. Por conta disso, o seu caminho é selado com a morte na cruz. Conforme Ignácio Ellacuría, amigo assassinado de Jon Sobrino, "o Jesus histórico não buscou nem a morte nem a ressurreição em si mesmas, mas o anúncio, até a morte, do Reino de Deus, que trouxe consigo a ressurreição".

Tendo como base as principais preocupações da cristologia latino-americana, passo a abordar a

[12] Os livros de Teologia Sistemática são de grande sucesso no mercado editorial brasileiro. As editoras concentram em seus catálogos diversos livros de Teologia Sistemática, na sua maioria de autores/teólogos estrangeiros, principalmente estadunidenses. A parte de Cristologia, na maioria das vezes, aborda os aspectos salvífico e divino, deixando o tema do Reino de Deus na área da escatologia.

[13] Sigo neste subitem as reflexões de MANZATTO, Antonio. Cristologia latino-americana. In: SOUZA, Ney de (Org.). *Temas de teologia latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 25-65.

[14] BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador; ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

[15] SOBRINO, Jon. *Cristologia a partir da América Latina; esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*. Trad. Orlando Bernardi. Petrópolis: Vozes, 1983.

[16] ECHEGARAY, Hugo. *A prática de Jesus*. 2. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1984.

[17] FERRARO, Benedito. *A significação política e teológica da morte de Jesus; à luz do Novo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 1977.

cristologia de Jon Sobrino, por entender que ele representa muito bem os anseios por uma cristologia abrangente na América Latina. Suas reflexões podem contribuir para uma cristologia protestante mais comprometida com o seu contexto.

A cristologia de Jon Sobrino

Jon Sobrino[18] nasceu em Barcelona (1938), Espanha. Sacerdote católico e jesuíta. Estudou filosofia e fez doutorado em teologia na Alemanha pesquisando a cristologia de W. Pannenberg e J. Moltmann.

Jon Sobrino é um dos principais teólogos da *Teologia da Libertação*. A sua notoriedade se deu com a publicação de *Cristologia a partir da América Latina*[19], colocando-o entre os principais teólogos latino-americanos.[20]

Reconhecido pela sua reflexão cristológica, Jon Sobrino chamou a atenção da Congregação para a Doutrina da Fé em duas obras: *Jesus Cristo, o libertador* e *A fé em Jesus Cristo*. Mesmo com explicações, a Congregação emitiu uma Notificação ao teólogo salvadorenho por entender que as referidas obras continham elementos que não se coadunavam com o Dogma da Igreja, principalmente, com relação à divindade de Jesus.[21]

A cristologia de Jon Sobrino se dá em três elementos básicos: (1) compreender quem é Jesus, (2) mostrar o caminho de Jesus e (3) ajudar as pessoas a seguirem a causa de Jesus.[22] Passaremos no próximo subitem para observar os principais eixos hermenêuticos da cristologia de Jon Sobrino.

Os eixos hermenêuticos da cristologia de Jon Sobrino

Há diversos eixos hermenêuticos que transitam a cristologia de Jon Sobrino. Aqui destacaremos apenas três: o Jesus histórico, o Reino de Deus e o seguimento.

1.

O Jesus histórico: a grande preocupação de Jon Sobrino é com o Jesus histórico. Ele se apropria da diversidade exegética em torno do debate e faz desse tema um dos principais eixos hermenêuticos de sua cristologia para a América Latina. Para ele "a pergunta pelo Jesus histórico não é uma questão do passado, mas pertence à essência do Cristianismo".[23] Para o teólogo salvadorenho, fazer o caminho da busca pelo rosto de Jesus, suas pretensões, gestos, palavras, significa também assumir certos compromissos como cristão.[24] É imprescindível se remeter ao Jesus histórico, porque somente assim será possível fazer uma leitura abrangente da figura de Cristo.[25] O que deve ficar claro, na concepção de Jon Sobrino sobre o Jesus histórico, é que, diferente de outras leituras sobre o tema, principalmente na Europa, que focou as *vidas de Jesus*, na América Latina não está em discussão a questão biográfica, mas sim "a totalidade da história de Jesus, e a finalidade de [se] começar com o Jesus histórico é que se prossiga a sua história na atualidade".[26] Sendo assim, a terminologia *histórico* não abrange a sua cientificidade como na teologia europeia, mas sim a atividade de Jesus. Em outro texto, Sobrino deixa bem isso claro: "por Jesus histórico entendemos a vida de Jesus de Nazaré, suas palavras e atos, sua atividade e sua práxis, suas atitudes e seu espírito, seu destino de cruz (e ressurreição)".[27]

---

18 BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus; uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 21.

19 SOBRINO, 1983..

20 SOARES, Afonso Maria Ligorio (Org.). *Dialogando com Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 12.

21 Um texto foi produzido por diversos teólogos latino-americanos para demostrar apoio a Jon Sobrino. Cf. VIGIL, José Maria (Org.). *Descer da cruz os pobres; cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007.

22 BOMBONATTO, Vera Ivanise. O seguimento de Jesus: categoria cristológica. In: SOARES, Afonso Maria Ligorio (Org.). *Dialogando com Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 23.

23 BOMBONATTO, 2009, p. 26.

24 BOMBONATTO, 2009, p. 27.

25 SOBRINO, Jon. *Jesús en América Latina; su significado para la fe y la cristología*. 3. ed. Santander: Sal Terrae, 1982. p. 29-30.

26 SOBRINO, 1982, p. 112. (Tradução própria).

27 SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador; I – A história de Jesus de Nazaré*. 2. ed. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 83.

2.

O Reino de Deus: a cristologia de Jon Sobrino é comprometida com o Reino de Deus. Em diversos textos desde o Antigo Testamento até a vida de Jesus, a temática do Reino de Deus é trabalha pelo autor. Para Sobrino, o Reino de Deus é central na vida, gestos e mensagem de Jesus.[28] O Reino de Deus, proclamado por Jesus, é a mensagem de esperança às pessoas, principalmente aos marginalizados.[29] O Reino de Deus ganhou tal envergadura na vida de Jesus que o levou à morte. Aqui reside a principal diferença entre a cristologia de Sobrino e a protestante, esta última faz uma leitura de um destino já manifestado, próprio da teologia joanina, onde a morte é pré-existente a própria pessoa histórica de Jesus, daí o porquê da mensagem do Reino de Deus não ser enfatizada na vida de Jesus, apenas na concepção do milênio. Já para Sobrino, o Reino de Deus é uma busca por melhorias sociais e espirituais, mas, principalmente, é o desmantelamento do anti-reino[30] de injustiça e opressão que assola o povo de modo geral, transformando-os em vítimas.[31]

3.

O seguimento: é a relação que os discípulos têm com Jesus. Quando Jesus chama seus discípulos, a intenção é que eles reproduzam os seus passos, participando, especificamente, do seu projeto, o Reino de Deus. O seguimento é assumir os passos de Jesus ao ponto de compartilhar, até mesmo, o seu destino, a morte.[32] O seguimento para Jon Sobrino não tem a pretensão de imitação. Para ele isso é impossível por questões históricas. O seguimento é a disponibilidade para reproduzir, em outros contextos históricos, o movimento fundamental das ações de Jesus.[33] Seguimento é a principal identidade cristã, pois o seguidor deve reproduzir a estrutura fundamental da vida de Jesus e, ao mesmo tempo, tornar possíveis as ações dele de acordo com as exigências do contexto em que se vive.[34]

A cristologia de Sobrino é um convite ao companheirismo. O Jesus que ele apresenta é alguém que chama para estar perto e participar de seus anseios e ações. Não é um Cristo distante do povo e transcendente, mas perto ao ponto de pedir ajuda aos seus seguidores para que desça das cruzes de hoje os necessitados e desvalidos. É um Cristo que solicita companhia, pois reconhece que, sem a ajuda dos seus discípulos, não será possível levar adiante os valores do Reino de Deus. Portanto, a cristologia de Sobrino é pensada a partir da América Latina, uma cristologia encarnada no contexto latino-americano.

Um Cristo em busca de companhia: por uma nova imagem de Jesus

Antes de apontar algumas contribuições de Jon Sobrino à cristologia protestante, é preciso se ater às principais dificuldades que o protestantismo tem para pensar em uma nova imagem de Jesus.

Reina no imaginário protestante a figura de um Cristo importado do Norte, carregado da cultura anglo-saxônica. Esse Cristo é pragmático, consumista, poderoso, imponente. Ele é de propriedade do cristão, o provedor de uma espiritualidade individualista.[35] Outro entrave para se fomentar uma nova imagem de Jesus, é a *teologia da segunda vinda* de Cristo que alimenta uma esperança destituída de qualquer engajamento social e político. Soma-se a isso, a noção de salvação que é reduzida apenas à remissão dos pecados e a segurança eterna.[36] O cristão protestante canta e ouve mensagens de um Cristo

28 SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação; pequenos ensaios utópico-proféticos*. Trad. Jaime A. Clasen. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 121-145.

29 Sobre este tema em Jon Sobrino: GONÇALVES, Alonso. Reino de Deus e práxis pastoral – uma abordagem a partir da teologia de Jon Sobrino. *Ciberteologia: Revista de Teologia & Cultura*, São Paulo: Paulinas, ano III, n. 23. Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br>. Acesso em: 10.11.2010.

30 HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. 2. ed. Trad. Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 99ss.

31 SOBRINO, Jon. A fé em Jesus Cristo; ensaio a partir das vítimas. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2000.

32 BOMBONATTO, 2009, p. 39.

33 SOBRINO, 1983, p. 151.

34 BOMBONATTO, 2007, p. 429.

35 COSTAS, Orlando E. Proclamando a Cristo no mundo dos dois terços. In: STEUERNAGEL, Valdir (Ed.). *A serviço do Reino; um compêndio sobre a Missão Integral da igreja*. Belo Horizonte: Missão Editora, 1992. p. 178-179.

36 AZEVEDO, Israel Belo de. *O que é Missão Integral?* Rio de Janeiro: MK, 2005. p. 51.

que vive no céu, é salvador pessoal do indivíduo e que virá buscar os seus remidos.

É indubitável que essa imagem foi construída a partir das disputas com o catolicismo. Enquanto no catolicismo a imagem de um Cristo sofredor era patente, a cristologia protestante forjou um Cristo de poder, daí a sua transcendência exagerada e a ênfase na sua divindade.[37]

Em sua companhia: contribuições para uma nova imagem de Jesus

Tomando como ponto de partida a cristologia de Jon Sobrino, sintetizada acima, proponho uma cristologia que, na sua base hermenêutica, tenha uma imagem de Jesus que se aproxime das pessoas encurtando a distância que há entre o cristão e Jesus de Nazaré. Levando em consideração os eixos hermenêuticos da cristologia latino-americana e as principais reflexões de Jon Sobrino, como o Jesus histórico, o Reino de Deus e o seguimento, a cristologia protestante carece de uma imagem onde Cristo seja aquele que chama o cristão para lhe fazer companhia, para estar junto, para segui-lo no principal projeto de sua vida, o Reino de Deus. Para isso ser possível, algumas imagens devem ser forjadas e favorecidas com um espírito brando e um senso crítico teológico aguçado. Neste intento, segue algumas contribuições que poderiam ajudar a cristologia protestante a incorporar outros elementos hermenêuticos, a fim de possibilitar o surgimento de uma nova imagem de Jesus, tão prejudicada pelo estrangeirismo teológico que reina no protestantismo de missão.

1.

Permitir outras leituras bíblicas sobre Jesus: a cristologia protestante se apega apenas nas leituras que evocam a divindade de Jesus. Predomina o *logos* do evangelho de João e a teologia paulina da *kénosis*, o esvaziamento da glória de Jesus por ser igual a Deus. O cristão protestante lê os fatos da vida de Jesus a partir da sua deidade e nunca da sua humanidade. É comum, em reuniões de estudos bíblicos, discussões como: Jesus poderia pecar sendo Deus? Ele sabia que iria morrer? Atribui-se as prerrogativas de Deus a Jesus se aproximando muito do docetismo quanto a sua condição humana. A leitura que se faz dos evangelhos não parte das comunidades que estão por trás do texto bíblico e que, portanto, produziram teologia[38] para os seus primeiros ouvintes, mas é feita a partir dos dogmas que os concílios discutiram sobre Cristo.

Para surgir uma nova imagem de Jesus é preciso compreender que o seu destino está atrelado a sua mensagem, o Reino de Deus. Não é mais possível ignorar a exegese bíblica quanto a este tema. É preciso incorporar outras leituras sobre Jesus, principalmente a sua condição humana tão evidente nos evangelhos sinóticos. Apenas para ilustrar a dificuldade que a cristologia protestante tem em visualizar a imagem de um Jesus humano, tomo aqui o depoimento de Paulo Brabo para demonstrar o quanto os cristãos de igrejas protestantes sofrem com uma cristologia divina. Confessa ele,

> eu estava pronto para admitir Jesus como Deus muito antes de ser capaz de reconhecê-lo como pessoa notável, divulgador de ideias incomuns, proponente de improvável estilo de vida. Pensar em Jesus como Deus logo cedo foi, para mim, parte fundamental da estratégia para anular qualquer coisa que ele tivesse dito, feito e exigido. Afinal de contas o sujeito era Deus; maior contraste entre ele e os homens não poderia haver. Nada que dizia respeito a ele poderia vir jamais a dizer respeito a mim. Aceitando Jesus como Deus eu havia, paradoxalmente, sido imunizado contra suas palavras e suas ideias, sua vida e seu exemplo – contra a sua pessoa. [39]

A cristologia protestante carece de proporcionar uma nova relação com Jesus, e isso passa por mudanças nas imagens mais comuns como a de um ser divino e poderoso que é um chefe guerreiro que virá buscar apenas os seus remidos. Essa nova relação será possível quando surgir a imagem de alguém que falou, criticou, chorou, apanhou, gritou, se indignou, que foi

[37] CAMPOS, 2001, p. 67.

[38] Sobre a pluralidade de interpretações sobre Cristo nas comunidades primitivas: GONÇALVES, Alonso. Cristologias – pluralidade teológica na compreensão de Cristo. *Revista Théos*, Campinas: FTBC, v. 4, n. 1, jun. 2008. Disponível em: <http://www.revistatheos.com.br>. Acesso em: 10.11.2010.

[39] BRABO, Paulo. *A bacia das almas; confissões de um ex-dependente de igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009. p. 24.

simplesmente ser humano antes mesmo de ser divino. Aliás, é de Leonardo Boff esta frase: "humano assim, só podia ser Deus mesmo".

2.

Identificar-se com o seu projeto: o Reino de Deus é central na mensagem e na obra de Jesus. Por conta da doutrina do milênio, a temática do Reino de Deus nos evangelhos foi completamente ignorada na vida de Jesus, sendo objeto de discussão apenas para a escatologia, segmento que compõe a *teologia sistemática* protestante. Não é por acaso que a discussão em torno do milênio[40] é tema corrente em seminários e faculdades teológicas confessionais. O cristão não é desafiado a encarnar os valores do Reino de Deus porque, geralmente, ele o compreende como expansão da igreja no seu aspecto denominacional. Antes a sua missão é "ganhar almas para Cristo", porque em seu imaginário teológico tudo caminha para um acerto final de contas quando Cristo, finalmente, voltará pela segunda vez e instaurará o seu Reino milenar. A partir disso, tudo que ocorre no mundo são "sinais da sua vinda", não cabendo nenhuma atitude de levar adiante o Reino de Deus pregado por Jesus, mas apenas aguardar o fim que está próximo.[41] O cristão protestante não enxerga que o Reino de Deus é um programa anunciado por Jesus para este tempo, e não para um futuro distante, e que, portanto, ele deve se engajar por levá-lo adiante.[42]

3.

Tornar-se companheiro: um último apontamento no intuito de contribuir para uma cristologia mais relevante é tornar a companhia de Jesus eficaz na caminhada da igreja. O cristão protestante vê em Jesus o salvador pessoal, o Messias guerreiro e poderoso que reside no céu e espera o momento certo para intervir e resgatá-lo deste mundo mau e cruel. Essa imagem não condiz com a leitura do evangelho em que apresenta Jesus chamando os seus discípulos para estar com ele, para fazer-lhe companhia (cf. Mc 3,14), para segui-lo. Ser companheiro de Jesus é assumir seus gestos de amor, perdão; suas palavras e ensinamentos sobre uma nova postura diante de Deus, desfazendo uma religiosidade sem fundamento como as dos fariseus e saduceus. É ver as suas ações e compartilhá-las com outros, reproduzindo-as de forma concreta no meio em que se vive. Fazer companhia a Jesus é assumir o seguimento como o único modo de identidade cristã.

Considerações finais

A imagem de Jesus que a cristologia protestante canta em seus cancioneiros, e seus pastores pregam em seus púlpitos, está defasada em aspectos sociais, contextuais e teológicos. A transcendência de Cristo levou o protestantismo a fazer uma leitura fatalista e consumada de Jesus de Nazaré. Por várias razões, e pelas apresentadas aqui, a cristologia protestante não acompanhou a reflexão que se produziu na América Latina em torno de Cristo. Enquanto em outros segmentos do Cristianismo latino-americano as novas posturas diante de Jesus foram fundamentais para um engajamento político, social e teológico, o protestantismo continua tateando com questões, na sua maioria, pífias como crescimento de igreja, liturgia, problemas escatológicos dentre outras.

A contribuição da cristologia latino-americana pode clarear mentes e ajudar a fundamentar imagens que sejam relevantes para a igreja, para a sociedade e para o cristão.

[Recebido em: dezembro de 2010,
aceito em: fevereiro de 2011].

40 Há três interpretações sobre o milênio: pós-milenista, pré-milenista e amilenista. Todas elas com base no texto de Apocalipse 20.

41 ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 35.

42 AZEVEDO, 2005, p. 76-77.